

Líder ianomami critica afirmação de Leonidas

RICARDO JULIO
Da Sucursal de Brasília

Davi Ianomami, líder dos ianomami de Roraima, disse ontem que os índios querem que os garimpeiros que invadiram sua reserva sejam retirados imediatamente. "Se eles continuarem lá, meus parentes todos vão morrer", Davi disse que "Leonidas mentiu", referindo-se às declarações do ministro do Exército, Leonidas Pires Gonçalves, de que os índios não estariam interessados na saída dos garimpeiros.

Davi afirma que o ministro do Exército não sabe do que está falando, quando se refere aos índios. "Ele não sabe o nome das nossas aldeias, não conhece meus parentes, não viu o sofrimento deles". Ele contou que, no início, os garimpeiros tentaram conquistar os índios, com promessas de "lojas, cantinas, escolas". Nenhuma dessas promessas foi cumprida.

Ailton Krenak, coordenador nacional da União das Nações Indígenas, afirma que não é só a doença que mata os índios ianomami. "Os garimpeiros estão armados com revólveres e espingardas. Não é raro matarem índios a bala." Ailton diz que não basta retirar os garimpeiros da região. "É necessário um grande plano de assistência médica. Toda a organização cultural, social e econômica dos ianomami foi atingida pela invasão do garimpo." Se os invasores forem retirados e os índios abandonados, a dizimação dos ianomami não vai cessar.

O secretário nacional do Conselho Indigenista Missionário

(Cimi), Antônio Brant, disse ontem que Leonidas demonstrou "preconceito e falta de informação". Segundo ele, o ministro está apenas tentando justificar a "omissão do governo" diante do "genocídio" dos índios.

Brant afirmou que todos os ianomami que conseguiram "falar para fora" exigiram a retirada dos garimpeiros. Disse que "duvida" que o ministro do Exército tenha feito algum levantamento a respeito.

Brant também contestou a declaração de Leonidas de que somente "alguns religiosos e pessoas que defendem outros interesses" querem a desocupação das terras ianomami, no noroeste de Roraima. Segundo ele, toda pessoa que defende o cumprimento da lei é favorável à retirada dos garimpeiros. Isso porque, disse Brant, a preservação das terras e da cultura indígena é um dever do Estado previsto no artigo 231 da Constituição. Além disso, a Justiça Federal determinou a retirada dos garimpeiros e a interdição dos campos de pouso em território ianomami, em sentença proferida em outubro último.

Essa decisão judicial só começa a ser cumprida efetivamente no dia 7 de janeiro próximo, com o envio de agentes da Polícia Federal a Roraima. Antes dessa data, no dia 4, chegam ao Estado seis equipes médicas, que vão atender emergencialmente os ianomami. Os índios estão sendo dizimados por dezenas de epidemias transmitidas pelos garimpeiros.

O bispo de Boa Vista (RR), d. Aldo Mongiano, disse que os garimpeiros estão "comprando"

os chefes das malocas ianomami para conquistar a simpatia dos índios. Segundo Mongiano, eles estão distribuindo aos chefes (chamados "tuchauás") presentes como "camisas, sapatos, espelinhos e lanternas, o brinde favorito dos índios". O bispo afirmou que a tática tem obtido um sucesso relativo. Isso porque, disse Mongiano, a maioria dos índios fica à margem do processo. Esses índios, disse o bispo, estão "revoltados" com a poluição dos rios e a falta de caça e pesca causada pela ação predatória dos garimpeiros e eles não sabem que os responsáveis por isso são os garimpeiros. O mesmo afirma o senador Severo Gomes (PMDB-SP), membro da Ação pela Cidadania.



O líder indígena Davi Ianomami (à direita), que defende a imediata retirada dos garimpeiros da reserva, em Roraima.

Garimpeiros temem propagar doença

Do correspondente em Porto Velho

O vice-presidente da União dos Sindicatos e Associações de Garimpeiros da Amazônia Legal (Usagal), José Alves da Silva, disse ontem, em Porto Velho (RO), que os garimpeiros que invadiram a reserva dos índios ianomami, no noroeste de Roraima (RR), têm oncocercose —doença que afeta a capacidade visual e que pode causar cegueira. De acordo com José Alves da Silva, a doença foi levada à reserva ianomami pelos garimpeiros, cuja retirada está prevista para começar no próximo dia 7.

Para Alves, "será uma grande irresponsabilidade do governo movimentar de uma hora para outra 40 mil homens dentro da Amazônia sem antes fazer um diagnóstico sanitário. Se o governo for retirar, precisa avaliar o grau de contaminação e fazer uma prevenção, para que esses homens não passem a doença para 120 milhões de brasileiros".

Alves disse que a Usagal "está fazendo um projeto para ordenar a atividade garimpeira em Roraima", onde, segundo ele, "deixaram os garimpeiros entrar devido ao regime falimentar da economia do país". O dirigente da Usagal afirmou que o governo poderia aplicar no ordenamento da atividade o dinheiro a ser gasto na operação de retirada. Se houver o ordenamento, os garimpeiros pagariam 'royalties' aos índios", disse.

Observando que a reserva dos ianomami ainda não foi definitivamente demarcada, Alves disse que o governo "precisa verificar qual dos dois impactos ambientais é maior: a transferência dos garimpeiros, criando um drama social, ou a transferência dos índios da reserva, que é muito pobre de caça e pesca".